

Ceilândia, rotina de miséria e crime

Luta dos moradores já virou até tese de mestrado na UnB

Márcia Turcato

BRASÍLIA — Ao descer do ônibus, a operária caiu em um bueiro da rua escura e morreu afogada. Poucos dias depois, ainda em fevereiro, mês de chuvas intermitentes no Distrito Federal, um garoto de 8 anos caiu em outro buraco cheio de água, num depósito clandestino de lixo. Também morreu. São apenas dois exemplos da trágica rotina dos moradores do Setor O, bairro de Ceilândia, cidade-satélite de Brasília. Com 500 mil habitantes, a mais miserável das 11 cidades-satélites adotou o apelido de Ceilândia para disfarçar seu nome próprio: CEI, iniciais de Centro de Erradicação das Invasões.

Criada no início dos anos 70, Ceilândia destinava-se a servir de abrigo à população de baixa renda que ocupava o Plano Piloto, área central de Brasília, em improvisados barracões. Ironia: justo aqueles que deixaram suas casas em outras cidades para construir a nova capital foram obrigados a sair dela. "O coronel Hélio Prates da Silveira era o governador e o general Garrastazu Médici o presidente. Vivíamos a época do milagre econômico, a cidade precisava ser bonita. Então resolveram colocar 15.600 famílias em caminhões e despachar para cá. A minha era uma delas", recorda o retirante Eurípedes Pedro de Camargo, 39 anos, fundador da Associação dos Incansáveis Moradores de Ceilândia. Como o próprio nome indica, os associados não desistem facilmente de ter seus lotes e casas regularizados pelo governo.

Tese — A luta dos *incansáveis* foi transformada em tese de mestrado pela assistente social Sáfira Ammann, em 1987. O trabalho obteve nota máxima dos examinadores da Universidade de Brasília (UnB). Além de teorias acadêmicas, a cidade-satélite também serviu de inspiração ao poeta Carlos Drummond de Andrade, no seu *Crônica das favelas brasileiras*, onde indaga em um dos versos: "Por que Ceilândia fere o majestoso orgulho da flôrea capital? Por que Brasília resplandece ante a pobreza exposta dos barracos de Ceilândia?". São duas perguntas que ainda não mereceram a resposta dos governadores nomeados do Distrito Federal.

Nos registros da 15ª Delegacia de Polícia, cresce o número de casos de violência e tráfico de drogas ocorridos em Ceilândia. A criminalidade poderia ser reduzida, garante o mais famoso morador da cidade, Francisco Domingos dos Santos, o *Chico Vigilante*, 35 anos, "se o governo oferecesse à população trabalho, saneamento básico, atendimento médico, transporte mais barato (a tarifa do Distrito Federal é a mais elevada do país: NCzS 19,00 para o percurso entre as cidades-satélites e o Plano Piloto) e ensino".

Morador de Ceilândia desde 1977 e fundador do Sindicato dos Vigilantes do Distrito Federal, *Chico* costuma receber em sua casa amigos ilustres, como o candidato derrotado do PT, deputado Luís Inácio Lula da Silva. "Nessas ocasiões, a rua fica cheia de gente, é quase uma festa", conta *Chico*, residente no Setor P, bem próximo ao O, onde as dificuldades são maiores. Mesmo assim, a rua de *Chico* não tem calçamento e os cortes no fornecimento de água são constantes. Além disso, o caminhão do Serviço de Limpeza Urbana

(SLU) "passa uma vez na vida e outra na morte".

Filosofia — Vizinhos de outras quadras surpreendem-se: quando encontram *Chico* nas ruas da Ceilândia. "Uê, você mora aqui também?", perguntam. *Chico* explica: "Tem gente que pensa que eu moro no Lago (área destinada às mansões) só porque apareço na televisão. Na filosofia popular, quem vai para televisão é rico", diz entre gargalhadas. Candidato a deputado federal pelo PT em 1986, ele não conseguiu eleger-se, mas tem uma agenda de político. Seu tempo divide-se entre os problemas dos moradores, a luta sindical, o PT, mulher e dois filhos e dezenas de palestras e debates por semana.

"É muita coisa para um ex-agricultor do Vale do Murairim, interior do Maranhão, que um dia precisou abandonar a terra porque o então governador José Sarney resolveu vender a área, que era devoluta, para fazendeiros amigos", conta *Chico Vigilante*.

O percurso do Nordeste até o Planalto Central foi feito também pelo presidente dos *incansáveis*, Eurípedes Camargo. Sem esmorecer, apesar das péssimas condições de vida, ele espera ver resolvido ainda este ano o problema de 7 mil famílias que estão com seus lotes em situação irregular. Eurípedes não se separa de uma coleção de documentos que, segundo afirma, dão direito à ocupação dos lotes.

"É preciso estar munido de todos os argumentos, porque a qualquer instante seremos chamados ao Palácio do Buruti ou ao Tribunal de Justiça para esclarecer os casos mais duvidosos", explica. Enquanto isso, chova ou faça sol, todos os domingos os *incansáveis* se juntam na Associação de Moradores para discutir as carências sociais de Ceilândia. O tema é inesgotável.